

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 10 – INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

MEMORIAL ARLINDO COELHO FRAGOSO: LUGAR DE MEMÓRIA INSTITUCIONAL DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UFBA

ARLINDO COELHO FRAGOSO MEMORIAL: PLACE OF INSTITUTIONAL MEMORY OF THE UFBA POLYTECHNIC SCHOOL

Bianca da Silva Nunes – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Ricardo Coutinho Mello – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho investiga o Memorial Arlindo Coelho Fragoso como um *lócus* de construção e preservação da memória institucional da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, analisando como o seu patrimônio documental contribui para a compreensão da trajetória histórica e da identidade da Instituição. A pesquisa busca demonstrar a relevância de espaços memoriais para a valorização do legado científico-cultural e para o fortalecimento dos vínculos entre a universidade e a sociedade. Busca-se compreender de que forma é constituído um espaço que nasceu com o objetivo de promover a preservação e difusão da memória institucional através do acervo documental e de que maneira ele faz isso. A investigação foi norteadada pela seguinte pergunta de partida: Como o Memorial Arlindo Coelho Fragoso atua para preservar e difundir a memória institucional da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia através do seu acervo? A pesquisa é natureza descritiva, possuindo como método de procedimento a pesquisa de campo, realizada no Memorial Arlindo Coelho Fragoso. Conclui-se apresentando como está composto o acervo, as formas de incorporação de documentos, as ações de preservação e difusão que o espaço possui, as atividades realizadas, bem como a articulação e relação dos elementos entre si.

Palavras-chave: memória; memória institucional; informação.

Abstract: This paper investigates the Arlindo Coelho Fragoso Memorial as a locus for the construction and preservation of the institutional memory of the Polytechnic School of the Federal University of Bahia, analyzing how its documentary heritage contributes to the understanding of the institution's historical trajectory and identity. The research seeks to demonstrate the relevance of memorial spaces for valuing the scientific and cultural legacy and strengthening ties between the university and society. The aim is to understand how a space created to promote the preservation and dissemination of institutional memory through its documentary collection is constituted, and how it achieves this. The investigation was guided by the following initial question: How does the Arlindo Coelho Fragoso Memorial work to preserve and disseminate the institutional memory of the Polytechnic School of the Federal University of Bahia through its collection? This descriptive research uses field research as its method. It concludes by presenting how the collection is composed, the ways of incorporating documents, the preservation and dissemination actions that the space has, the activities carried out, as well as the articulation and relationship of the elements among themselves.

Keywords: memory; institutional memory; information.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o Memorial Arlindo Coelho Fragoso (MACF) enquanto espaço para a construção, preservação e difusão da memória institucional da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (EPUFBA) através do seu patrimônio documental. Pretende-se, assim, evidenciar o papel do MACF como uma entidade na interpretação da história da engenharia na Bahia e na formação da identidade da EPUFBA, discutindo a importância da preservação documental para a pesquisa, o ensino e a extensão universitária, bem como para a salvaguarda do patrimônio cultural.

Nesse sentido, o estudo parte do pressuposto de que o MACF desempenha um papel na (re)construção de narrativas sobre a EPUFBA, o que suscita um debate sobre os critérios de seleção, as formas de representação e os alcances da memória institucional que se busca preservar e difundir. Questiona-se, portanto, em que medida as práticas adotadas pelo Memorial Arlindo Coelho Fragoso refletem e, ao mesmo tempo, moldam a compreensão pública sobre o passado e o presente da instituição.

A Escola Politécnica da UFBA é uma instituição centenária, com papel significativo na história da Engenharia na Bahia. Com 128 anos de existência, atuou em momentos importantes da história social, cultural e política da Bahia e do Brasil. Seus documentos, portanto, também refletem essa trajetória e se entrelaçam com a memória cultural. O Memorial Arlindo Coelho Fragoso, surge da iniciativa da Escola Politécnica, no ano de 2010, de criar um arquivo histórico através do tratamento de uma Massa Documental Acumulada (MDA) formada por documentos arquivísticos. Contudo, o projeto foi ampliado para se tornar um memorial e assim incorporar outros elementos que a instituição entendesse como sendo relevante para sua memória e história.

Os documentos arquivísticos e museológicos sob a guarda do memorial, são avaliados como de valor histórico, e cultural. A atribuição de valor é um processo fundamental, pois legitima a seleção e a permanência desses itens no acervo, orientando as práticas de preservação e justificando os esforços para sua disponibilização. Nesse sentido, a preservação e a disponibilização desses documentos são fundamentais para a constituição da memória institucional, além de contribuírem significativamente para a pesquisa, a cultura, a ciência e a garantia dos direitos dos cidadãos.

A fundamentação teórica da pesquisa, está baseada na discussão acerca da relação entre informação, memória e documento. Buscamos compreender de que forma é constituído um espaço que nasceu com o objetivo de promover a preservação e difusão da memória institucional através do acervo documental e de que maneira ele faz isso. A investigação foi norteada pela seguinte pergunta de partida: Como o Memorial Arlindo Coelho Fragoso atua para preservar e difundir a memória institucional da Escola Politécnica da UFBA, através do seu acervo?

Desta forma, buscamos investigar como está composto o seu acervo, quais as formas de incorporação de documentos, as ações de preservação e difusão que o espaço possui, as atividades que realizam, bem como esses elementos se articulam e se relacionam entre si. A pesquisa é natureza descritiva, possuindo como método de procedimento a pesquisa de campo com locus de investigação específico, realizada no Memorial Arlindo Coelho Fragoso.

Para o levantamento bibliográfico, utilizou-se como principal base de dados a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) (<https://brapci.inf.br/>), e o Portal de Periódicos Eletrônicos da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Unesp – Campus de Marília, São Paulo (<https://revistas.marilia.unesp.br/>). Os termos de busca utilizados foram os seguintes: “Memória Institucional”, “Materialidade da Informação”, “Memorial Arlindo Coelho Fragoso”.

2 REPRESENTAÇÕES MATERIAIS DA MEMÓRIA

No contexto do Memorial Arlindo Coelho Fragoso, a informação manifesta-se como o conteúdo factual presentes nos registros. O documento, por sua vez, configura-se como o suporte material que veicula essa informação, conferindo-lhe um caráter tangível e evidenciário (Frohmann 2008). Enquanto o documento é o vestígio e a informação o seu substrato, a memória é o processo ativo de significação e ressignificação desse legado. Contudo, a informação também fica sujeita aos contextos que podem moldar sua interpretação e uso.

Uma diferença crucial reside na intencionalidade: documentos podem ser produzidos para fins administrativos imediatos, mas sua seleção e preservação em um memorial os investe de um valor memorialístico que transcende sua função original, transformando informação registrada em elemento constitutivo da memória coletiva da instituição.

Similarmente, a informação contida em um documento pode ser estática, mas a memória que ela evoca é fluida e sujeita a reinterpretações.

Os estudos sobre a memória coletiva, partindo de uma perspectiva social da manifestação da memória, vêm sendo associados a questões identitárias e de pertencimento. Autores que se dedicaram ao estudo do fenômeno da memória, como Michel Pollak (1989; 1992), Maurice Halbwachs (2006) e Paul Ricoeur (2007), embora tenham abordado diferentes enfoques sobre o tema, compartilham a ideia de que a memória está ligada às experiências e vivências de grupos e indivíduos. Dessa forma, compreendemos que a memória não se restringe aos processos formais instituídos por seres humanos ou instituições.

Para o historiador francês Pierre Nora, a memória é um fenômeno vivo, em constante evolução, sujeita mudanças constantes, lembranças e esquecimentos. Logo, a memória é um elemento dinâmico, nunca estático (Nora, 1993). A dinamicidade implica que a memória institucional da Escola Politécnica, tal como representada e preservada pelo MACF, não é um construto monolítico, mas um campo em constante diálogo com o presente, suscetível a novas interrogações e reconfigurações à medida que diferentes grupos interagem com o acervo e que novos documentos são incorporados ou novas perspectivas analíticas emergem.

Por meio da materialidade, seja na forma oral ou registrada, a memória passa a ter a possibilidade de diversas interpretações e de ressignificação de significados socialmente atribuídos ou impostos. Contudo, corroboramos com Fernanda Ribeiro (2017) quando a autora diz que a memória necessita da informação para se consumir, e se registra tanto internamente na memória cerebral como nos suportes materiais externos produzidos. Embora entendamos que a memória, por si só, não é algo a ser preservado, reconhecemos que a preservação dos materiais que a representam e a conectam à história é uma maneira de assegurá-la. Embora essas fontes não captem a totalidade dos acontecimentos, sentimentos e vivências, ainda atuam como subsídios para o conhecimento e possibilitam que seja realizada uma análise crítica do que aconteceu.

Além disso, permitem estudos sobre como esses eventos se relacionam com o presente. A memória, mesmo tendo seus fundamentos também na tradição oral, que compreendemos ser de extrema relevância, se ancora também em registros e em lugares. Contudo, reconhecemos que narrativas que não foram documentadas, ou que não possuem tanta evidência e circulação em detrimento de outras, estão sujeitas ao esquecimento, em detrimento de uma memória reconhecida como oficial pela história, muitas vezes

representada pela memória nacional, conforme aborda Pollak (1989; 1992) ao falar sobre as memórias marginalizadas.

Frohmann (2008) considera a ideia de que a informação depende de atributos concretos, todavia, também reconhece questões além do que é possível somente através da fisicalidade do suporte. De acordo com Rabello (2019, p. 7):

Se a fisicalidade está relacionada às propriedades físicas do objeto-suporte de informação, a materialidade, ainda que considere tais propriedades, compreende aspectos que estão para além delas, tais como a procedência e o percurso da informação até o momento da inscrição do signo, ou seja, os aspectos valorativos provenientes de práticas sociais e discursivas, sejam elas pragmáticas, simbólicas, políticas, mercadológicas, validadas em institucionalidades diversas, ou, ainda, intencionalidades atribuídas ao objeto antes mesmo de ele ser valorado institucionalmente como documento, tais como memória, afetividade, identidade, instrumentalidade, biografia do objeto, dentre outros.

Dentre os fatores que conferem materialidade a um documento está o significado que ele adquire dentro de um determinado contexto social, bem como sua representação política, social e sua validação institucional.

Para Frohmann (2008) restringir as práticas informacionais apenas a uma perspectiva cognitiva, onde o foco dos estudos sobre a informação se volta somente para o indivíduo e a maneira como ele processa a informação, limita os estudos sobre o tema, deixando de considerar os aspectos concretos que influenciam o ciclo da informação, como fatores políticos, econômicos, culturais e até institucionais, que vão além da perspectiva de um indivíduo isolado. Frohmann (2008, p. 21-22) ainda diz que “[...] se ‘documento’ nomeia a materialidade da informação, e se a materialidade é importante para o entendimento dos aspectos públicos e sociais da informação, então os estudos da documentação tornam-se importantes para os estudos da informação.”

Sendo assim, compreendemos que os estudos da materialidade da informação, por meio do documento, colaboram para uma compreensão mais profunda do funcionamento dos sistemas e regimes da informação, bem como dos processos de disseminação, circulação, produção e institucionalização da informação, elementos fundamentais para os estudos acerca do seu caráter público e social. Frohmann, ao falar sobre as discussões trazidas por Foucault acerca dos enunciados, no contexto institucional, diz que, para esse autor, “[...] as rotinas institucionalizadas estabelecem e mantêm as relações entre enunciados, dando a eles peso, massa, inércia e resistência. Elas respondem pela materialidade dos enunciados” (Frohmann, 2008, p. 21).

Os documentos dentro de um contexto institucional, de acordo com o texto de Frohmann (2008), possuem uma materialidade pronunciada por serem produzidos e validados de acordo com o recorte da instituição, permitindo que através dessa materialidade, a vida institucional dos documentos seja rastreada. As representações materiais da memória são um dos meios que podem servir como referência para o conhecimento, o estudo e a análise crítica do passado, bem como das narrativas que constituem os registros, especialmente por meio das instituições que regulam a vida em sociedade. Essa representação, por meios fixos e estáveis, resulta em elementos que se configuram como referenciais da memória, gerando “[...] marcos ou pontos relativamente invariáveis, imutáveis” (Pollak, 1992, p. 201).

Dentro desse contexto, Oliveira e Rodrigues (2011, p. 312) contribuem para a discussão ao afirmar que “As limitações da memória humana levaram o homem a buscar em recursos externos as chamadas memórias artificiais, a compensação para o esquecimento.” Esse cenário, está aliado à necessidade de

[...] possibilitar o acesso aos registros por ele produzidos no decorrer do tempo, levou à criação das chamadas instituições de memória que deveriam preservar os registros do conhecimento humano nas suas mais diversas formas de materialização: arquivos, bibliotecas e museus (Oliveira; Rodrigues, 2011, p. 312).

Diante do contexto apresentado, compreende-se que os registros gerados com base nas ações dos indivíduos, tanto em suas atividades administrativas quanto pessoais, quando preservados e contextualizados por instituições de memória como o MACF, contribuem para a formação de uma memória coletiva mais ampla. Tais registros, como os dossiês de trajetórias acadêmicas ou projetos de ex-docentes mencionados adiante (MACF, 2024), transcendem o âmbito individual para se tornarem fontes para a compreensão de contextos sociais, científicos e culturais específicos, alinhando-se à perspectiva de que a materialidade da informação é fundamental para o entendimento dos seus aspectos públicos e sociais (Frohmann, 2008).

São materiais onde aspectos históricos ganham vida e fornecem evidências concretas, onde a história e a memória encontram suas fontes de pesquisa para desvendar e conhecer o passado e se utilizam dessas mesmas fontes para tomar decisões futuras.

3 LUGARES DE MEMÓRIA INSTITUCIONAIS

Para Nora (1993), os lugares de memória nascem de uma vontade de memória, do desejo de se consagrar lugares para cristalizar partes de uma memória que outrora fora vivida, e agora já não consegue mais ser lembrada de forma natural, se apoiando em vestígios materiais. Com base nos pensamentos do autor, entendemos que os lugares de memória não são representações exatas de algum acontecimento passado, mas sim fragmentos do que se tenta representar. Se trata também de uma forma de registro do que aconteceu na história, partindo da visão de quem registrou e de quem selecionou o material para estar ali.

Compreendemos que a memória de uma instituição nasce juntamente com ela, e concordamos com os pensamentos de Thiesen quando a autora diz que “Se a instituição existe, a memória se plasma” (Thiesen, 2013, p. 312). As instituições em suas mais variadas formas encontram seu nascimento e permanência no seio da sociedade.

Thiesen (2013) declara que é preciso abordar o campo social como lócus institucional. Antes de seu estabelecimento formal, um conjunto de necessidades, discursos ou vontades precederam o ato de surgimento de uma instituição. Essas demandas e mudanças decorrentes das sociedades humanas, ao assumirem uma forma, representadas por uma instituição, passam a encontrar meios legais ou formalmente válidos para se ancorarem.

Vistas através das lentes do tempo, as instituições refletem as formalizações das culturas, daquilo que as diferentes sociedades cultivavam como maneiras de pensar: hábitos, usos, costumes, comportamentos etc. Todo esse percurso nas esferas de vida social tem deixado vestígios das mais variadas ordens (Thiesen, 2013, p. 27).

Através do comportamento e das produções materiais de uma instituição, é possível reconhecer o quadro social do seu ambiente: sistemas predominantes e destituídos, práticas de alcance em diversas escalas dos mais variados grupos e segmentos sociais, culturas, ideologias, costumes. Thiesen (2013) aborda o instituído e o instituinte como sendo duas faces da instituição, desta forma, as relações que uma instituição estabelece com as pessoas e com outras instituições, também podem ser reconhecidas por meio dos seus documentos e fazem parte da sua memória.

Lima, Oliveira e Moura (2017, p. 4) afirmam que, “[...] para preservar a Memória Institucional não basta resgatar o passado, mas compreender e apreender a relevância social deste passado para as próximas gerações”. As instituições são um meio através do qual podemos enxergar a configuração política, social e econômica vigente, bem como permitem

conhecer como eram esses cenários no passado à medida que se pode observar a forma de atuação e produção de uma determinada instituição.

4 MEMORIAL ARLINDO COELHO FRAGOSO

O Memorial Arlindo Coelho Fragoso leva o nome em homenagem ao fundador do Instituto Politécnico da Bahia, nome da primeira instituição que deu origem a EPUFBA. O MACF custodia acervo arquivístico e museológico relativos às atividades da Escola Politécnica da Bahia desde o ano de 1896 (ano de fundação do Instituto Politécnico da Bahia), até o presente (UFBA, 2019; Amaral, 2017). O MACF possui como missão promover a salvaguarda, valorização e o acesso ao patrimônio arquivístico e museológico da EPUFBA para a comunidade universitária e sociedade em geral. O acervo do memorial revela a trajetória do Instituto e da Escola Politécnica (UFBA, 2025; Amaral, 2017).

O memorial reúne documentação histórica sobre as atividades da instituição e registros que refletem a trajetória das pessoas que contribuíram para a história da Engenharia. O reconhecimento de profissionais no ramo que obtiveram sua formação pela EPUFBA une as trajetórias e confere reconhecimento a instituição. O MACF, nasce a partir da ideia da criação de um arquivo histórico da EPUFBA.

O projeto que culminou na construção do MACF foi proposto no ano de 2010, mas o espaço só foi inaugurado no ano de 2019. Inicialmente, o projeto tinha a denominação de “Arquivo Histórico da Escola Politécnica (Amaral, 2017; UFBA 2025). Durante o processo de identificação e tratamento desses documentos que, à primeira vista, pareciam serem só documentos arquivísticos, foram encontrados objetos tridimensionais, que foram avaliados e classificados como sendo de natureza museológica. Devido à presença desses documentos no espaço, juntamente com a percepção da equipe que estava trabalhando com a identificação do material de que eles se relacionavam com os demais documentos arquivísticos e com a história da EPUFBA, o arquivo histórico passou a ser chamado de memorial.

Dessa forma, constatamos durante a nossa pesquisa o que foi afirmado na pesquisa de Conceição (2022, p. 76) sobre o MACF como um lugar de memória: “Assim, o projeto foi readequado para transformar o arquivo histórico em um memorial que funcionaria de forma híbrida, ou seja, manteria a função de arquivo histórico da EPUFBA, mas também seria um espaço museal”.

Todavia, o MACF segue atuando como o arquivo permanente da EPUFBA, recebendo toda a documentação arquivística da instituição que é avaliada como de valor permanente, mesmo abrigando, em seu espaço, documentos de naturezas distintas. No que diz respeito ao acervo museológico, as coleções tridimensionais são compostas por itens encontrados durante o processo de organização da antiga MDA, e por itens recebidos por meio de doações. Por desempenhar essa função, o MACF realiza o tratamento de ambas as documentações de acordo com as recomendações legais específicas da Arquivologia e Museologia. Por conta disso, o MACF é responsável pelas atividades de avaliação, arranjo e descrição dos conjuntos documentais arquivísticos permanentes. Durante a consulta ao site oficial da EPUFBA, verificou-se que o MACF realiza atividades técnicas que incluem funções arquivísticas como a Avaliação, Classificação, Descrição e Preservação documental, conforme descrito na própria plataforma.

O MACF também recebe doações de acervos, dentre eles, podem ser encontrados projetos de pesquisa, certificados, placas e artigos publicados. Os acervos possuem uma relação complementar, onde um esclarece o outro. Essa relação pode ser exemplificada através da coleção Theodoro Sampaio, formada por objetos tridimensionais, cuja identificação dos instrumentos doados depende da existência de documentos arquivísticos, como termos de doação. A análise detalhada de coleções, revelaria que a integração entre objetos tridimensionais e documentos arquivísticos facilita a contextualização dos itens e enriquece a compreensão das práticas de engenharia e ensino.

Outro exemplo, são as placas de formatura que, muitas vezes, complementam informações ausentes em documentos arquivísticos, como convites, enriquecendo as descrições e permitindo a identificação de dados sobre turmas e anos de conclusão. Similarmente, um estudo de caso com as placas de formatura, convites e registros acadêmicos poderia demonstrar como o MACF reconstrói narrativas sobre trajetórias discentes e a evolução dos cursos da EPUFBA.

No acervo do MACF encontram-se, por exemplo, registros em formatos de dossiês da trajetória acadêmica de membros da família Odebrecht, reconhecidos no ramo da Engenharia Civil, e do ex-deputado Carlos Marighella, além de pastas com dados de ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos da Escola. O espaço também conta com troféus, flâmulas, medalhas, acervo de pinturas, instrumentos científicos, chapéus, objetos utilizados na sala de aula pelos docentes referentes à Escola Politécnica e seus departamentos.

Dessa forma, o MACF busca construir a memória institucional da Escola, através da união de elementos relativos à história da Engenharia, ao papel institucional e as narrativas de pessoas que possuem vínculo profissional e acadêmico com a EPUFBA, como diretores, funcionários, alunos e professores. Isso evidencia também que ele não atua de forma neutra no que diz respeito à história e memória institucionais que deseja contar e preservar.

Nos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDIs) da UFBA, os memoriais das unidades universitárias são mencionados de forma distinta ao longo dos períodos. No PDI 2018–2022, eles aparecem vinculados ao eixo de Extensão, na categoria Cultura e Arte, dentro do Objetivo Estratégico 3, que trata do aprofundamento dos impactos sociais das atividades acadêmicas por meio da extensão (UFBA 2017, *online*). Já no PDI 2025–2034, embora não haja menção direta aos memoriais, há previsão de ações voltadas à memória institucional, como a identificação de iniciativas de memória e patrimônio nas unidades e a criação de uma comissão específica para patrimônio, memória e museus (UFBA 2023, *online*).

O MACF passa a estar formalizado no Regimento e incluso na estrutura da escola a partir do ano de 2019. A aprovação do regimento converge com o ano de inauguração da unidade, que foi em março de 2019, durante a quarta edição de um evento extensionista promovido pela EPUFBA, que atualmente é liderado pelo memorial, intitulado “Conversando com a Escola Politécnica”. Desde o ano de 2023, as atividades extensionistas da Escola estão vinculadas à Semana de Arte, Cultura e Tecnologia da Escola Politécnica. O evento leva o nome de Poli-ACTA, e trata de promover atividades trimestrais, que falam acerca da história da engenharia. Dentro dessas atividades, o memorial participa de forma ativa, divulgando suas atividades e seu acervo como forma de disseminação da informação e como uma tentativa de se aproximar, através do acervo, da comunidade interna e externa.

Notamos que as funções e atividades do MACF não estão delimitadas de forma clara na estrutura geral da universidade. A ausência de delimitação formal pode acarretar desafios operacionais, como a alocação de recursos (humanos, financeiros e tecnológicos) de forma contínua e adequada às necessidades de preservação de longo prazo e de difusão qualificada.

Outro desafio potencial reside na necessidade de atualização constante frente às novas tecnologias de preservação digital e de acesso, bem como na capacitação contínua da equipe para lidar com a diversidade de suportes e tipologias documentais. A efetiva articulação com as políticas de informação e memória mais amplas da universidade (UFBA, 2023) também se apresenta como um fator crítico para a consolidação do papel do MACF. A

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

delimitação de funções ajudaria a orientar as práticas e critérios nas unidades de preservação documental. Isso poderia contribuir para a redução de ausência de políticas específicas para esses espaços, evitando que fiquem sujeitos a uma vulnerabilidade institucional dentro da estrutura da UFBA. No quadro 1, segue a relação mais recentes dos documentos que fazem parte do acervo do MACF. Os documentos de natureza museológica estão classificados como sendo do tipo “tridimensional.” Destacamos que esse material foi elaborado e disponibilizado para a reprodução em nossa pesquisa pela equipe do MACF, através de e-mail.

Quadro 1– Resumo dos tipos e conteúdo do acervo do Memorial Arlindo Coelho Fragoso

Tipo de acervo	Conteúdo/características
Audiovisual	Vídeos (fitas VHS) produzidos e/ou acumulados pela unidade e referentes à sua área de atuação ou setores correlacionados.
Iconográfico	Iconografia relacionada à Escola, de origem interna ou externa, em diferentes suportes (fotografias em papel emulsionado e eletrônico).
Textual	Documentação manuscrita, datilografada ou impressa que reflete aspectos significativos da trajetória da unidade (documentação administrativa, contábil e acadêmica), bem como da trajetória pessoal de diretores, funcionários, alunos e professores, desde sua criação até a atualidade: atas, dossiês, correspondências, relatórios, regimentos, regulamentos, balancetes, ofícios, circulares, pareceres, cadernetas, provas e outras espécies documentais das atividades-meio e atividades-fim da unidade.
Cartográfico	Plantas contendo representações arquitetônicas dos edifícios do Instituto Politécnico e da Escola Politécnica (de suas diversas sedes) ou de projetos de Engenharia desenvolvidos por ex-docentes da unidade.
Informáticos	Documentos produzidos, tratados ou armazenados em computador (disquetes, CDs e DVDs).
Tridimensional	* Coleção EPUFBA: Composta por troféus, flâmulas, medalhas, acervo de pinturas, instrumentos científicos, capelos, objetos utilizados na sala de aula pelos docentes (esquadros, réguas etc.) referentes à Escola Politécnica e seus departamentos; *Coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio (LGTS): Formada por equipamentos de Topografia, Geodésia, Astronomia, Navegação, Hidrologia, Meteorologia, Fotogrametria, Desenho etc., pertencentes ao Departamento de Transportes e Geodésia da EPUFBA (CERAVOLO, 2015).
Pessoal	Acervos privados de estudos e projetos dos ex-docentes: a) Engenheiro civil e sanitarista Nelson Gandur Dacach (do antigo Departamento de Hidráulica e Saneamento da EPUFBA) (AMARAL et.al, 2017; OLIVEIRA; VIARO, 2016); b) Bacharela e licenciada em Física Iara Brandão de Oliveira (Departamento de Engenharia Ambiental/ EPUFBA) e c) Engenheiro Civil Asher Kiperstok (Departamento de Engenharia Ambiental/ EPUFBA). O Memorial possui um grupo de trabalho criado pela direção da Escola Politécnica, por meio da Portaria nº 014/2018 que, resumidamente, delimita como foco a difusão de conhecimentos no âmbito da Arquivologia, Engenharia Civil e Engenharia Sanitária e Ambiental, por meio do acervo técnico de Nelson Gandur Dacach, no desenvolvimento de atividade técnico-científicas e didáticas que possam colaborar no desenvolvimento dos futuros profissionais. Ademais, este grupo realiza parcerias técnico-acadêmicas e atividades de extensão e, por fim, estimula a doação de outros acervos técnicos para o aproveitamento no ambiente acadêmico (EPUFBA, 2018).
Sonoro	Acervo sonoro referente à gravação de sessões da Congregação e eventos comemorativos ao aniversário da Escola Politécnica.

Fonte: MACF, 2024.

O memorial busca aproximação com a comunidade interna e externa por meio da realização de eventos que reforcem os aspectos identitários da Escola. As iniciativas, como

palestras, oficinas e seminários, não são meras atividades de divulgação, mas estratégias ativas de mediação entre o acervo e seus públicos. Ao promoverem o diálogo e a interação, os eventos visam estimular a apropriação social da memória institucional, fomentando pesquisas e leituras sobre o material custodiado e, conseqüentemente, enriquecendo o próprio entendimento sobre a trajetória e o papel da Escola Politécnica.

A unidade realiza campanhas como por exemplo, a realizada para receber convites de formaturas de ex-alunos. Essas atividades, buscam fomentar o acesso e difusão da informação através da pesquisa e de atividades culturais e educativas abertas ao público, atuando como um local que busca um diálogo com a sociedade, se tornando uma ponte entre a instituição e a comunidade (UFBA 2024). Além disso, o MACF também recebe alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas de Salvador e região metropolitana, em uma iniciativa da universidade para promover a pesquisa, o conhecimento e o acesso à informação sobre a história e as atividades da EPUFBA.

Os documentos referentes a trajetória acadêmica de figuras públicas e reconhecidas por sua participação social e política na história da Bahia que passaram pela Escola são constantemente procurados por estudantes e pesquisadores que estudam essas personalidades. Esses documentos são procurados para pesquisas e o MACF adota a prática de trabalhar com termos de autorização para obter a anuência da família dessas pessoas sobre os conteúdos que podem ser veiculados. Dessa forma, o MACF demonstra uma preocupação em resguardar os direitos, integridade e possíveis dados pessoais sensíveis dos indivíduos representados no acervo, conforme previsto no artigo. 7º da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). A presença desses documentos e a busca deles para pesquisa por parte da comunidade demonstra um entrelace entre a memória institucional e a memória social.

O memorial conta com um corpo multidisciplinar de estagiários, bolsistas e voluntários, das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e Administração, que contribui com um olhar de outras áreas do conhecimento nas atividades que realiza. O corpo de servidores efetivos do MACF, é composto por duas arquivistas, sendo uma delas a coordenadora do local. O MACF recebe contribuições de acervos pessoais, especialmente de ex-professores e ex-funcionários da Escola.

A unidade busca desenvolver estratégias que incentivem doações que possam se somar ao acervo, como uma forma de tentar promover a integração entre o MACF e a comunidade interna da EPUFBA, como uma campanha voltada especificamente para o

incentivo de doações de convites de formatura de ex-alunos, tendo em vista que parte do acervo arquivístico do memorial é composto também por esses convites.

A Portaria nº 01/2018, instituída pela direção da EPUFBA, formaliza a doação do acervo Nelson Gandur Dacash, primeiro acervo técnico doado custodiado pelo memorial. Nessa mesma portaria, foi formado um Grupo de Trabalho (GT) intitulado “GT – Acervo Técnico”, com atribuição de analisar e desenvolver atividades acadêmicas de pesquisa, extensão e didáticas no acervo, visando sua difusão e envolvimento dos discentes da EPUFBA nas respectivas atividades. A portaria nomeia servidores do memorial e dos departamentos de Engenharia Civil e Engenharia Sanitária e Ambiental para conduzir essas ações.

Um estudo de caso sobre o processo de incorporação e tratamento do acervo Nelson Gandur Dacash poderia detalhar os critérios de avaliação utilizados, os desafios encontrados na organização de um acervo técnico especializado e as estratégias de difusão implementadas pelo GT – Acervo Técnico. Tal análise exemplificaria como a portaria se traduz em práticas concretas de preservação e acesso, e como o MACF lida com acervos pessoais de grande relevância para a história da engenharia. A existência da portaria representa um aspecto positivo, pois demonstra a formalização e institucionalização do processo de doações, além de fornecer diretrizes pré-estabelecidas para a avaliação de acervos, que são utilizadas para além do acervo Nelson Gandur Dacach.

Contudo, nota-se que esses critérios podem ser ajustados e variar conforme a visão dos docentes que colaboram esporadicamente, conferindo uma flexibilidade ao processo de seleção. Diante disso, entendemos que o MACF pode estabelecer melhores critérios institucionais para o acolhimento de doações, de maneira mais objetiva e alinhados aos objetivos da unidade, de forma que evite a incorporação de elementos que não somem à memória institucional da EPUFBA, além de diminuir o risco de que o espaço se transforme em um depósito para descarte de acervos que não interessam mais aos titulares.

O MACF acolhe elementos que se somam com a memória institucional que deseja preservar, o que lhe confere uma dinâmica que dialoga com a Arquivologia, a Museologia e outras áreas do conhecimento como a História, porque o MACF também abriga documentos centenários, que se inserem na história da Engenharia na Bahia e no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O MACF, um espaço significativo para a construção e preservação dos documentos que compõe a memória da Escola Politécnica, possui papel ativo o fomento da pesquisa, cultura e extensão, através da promoção atividades culturais e educativas. Além disso, o espaço atua de forma ativa na preservação e organização dos documentos da Escola Politécnica, por meio de ações como a Poli-ACTA, que incentivam diálogo, interação, pesquisas e leituras no acervo material, além de campanhas para incentivar doações de acervos e visitas técnicas da comunidade, evidenciando sua relevância como espaço de memória. No contexto da memória institucional, o documento torna-se elemento essencial para a compreensão da trajetória e identidade da EPUFBA.

Como desdobramentos da pesquisa, propõe-se ampliar a discussão para além da apresentação do memorial, incorporando o debate sobre as políticas de informação voltadas aos memoriais institucionais e investigar futuramente a realidade dos acervos não só do MACF, mas também de outros memoriais institucionais de Instituições Federais de Ensino Superior.

Espera-se que esta pesquisa incentive o estudo de pesquisadores de áreas correlatas sobre os espaços de memória, incorporando diferentes abordagens e perspectivas sobre suas funções e acervos. Como outro possível desdobramento para pesquisas futuras, sugere-se a análise dos processos anteriores à chegada dos documentos, destacando a importância da gestão e governança na preservação da memória institucional. Espaços como o MACF, representam uma maneira de assegurar os meios materiais por quais a memória pode ser evocada e construída. Assim, torna-se fundamental considerar os aspectos concretos da informação no contexto institucional, de modo que as instituições públicas assegurem, com qualidade, a preservação das fontes de formação da sua memória.

Além disso, compreendemos como necessário que sejam pensadas alternativas para o desenvolvimento de ações voltadas a esse objetivo, considerando as especificidades e limitações de cada realidade institucional. Os espaços de memória atuam de maneira significativa na disseminação da informação, além serem locais fomentam ações culturais, educativas e atividades de pesquisa para o público, reforçando o vínculo entre instituição e sociedade, além de serem fundamentais no processo preservação dos materiais que compõe a memória institucional.

Desta forma, é imprescindível que os espaços públicos lidem com responsabilidade com a informação sob sua guarda. Nesse sentido, compreendemos que os princípios de áreas correlatas como a Arquivologia, Museologia e História articulados com os estudos da Ciência da Informação, podem propor formas eficazes de organização, preservação e gestão dos documentos produzidos pelas instituições que se encontram em espaços de memória.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. F. O. A **consolidação do memorial Arlindo Coelho Fragoso da Escola Politécnica da UFBA**: análise do período de 2010 a 2017. *Informação Arquivística*, v. 6, n. 1, 2017. Acesso em 13 maio. 2024. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/42422>

CONCEIÇÃO, Janaína Ilara Ferreira. **O Memorial Arlindo Coelho Fragoso**: o lugar de memória da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36848>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FROHMANN, Bernd. **O caráter social, material e público da informação**. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (org.). A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação. Marília: Fundepe; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 19-34. DOI: <https://doi.org/10.36311/2008.978-85-98176-17-8.p19-34>. Acesso em 02 abr. 2024.

LIMA, Izabel França de; OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de; MOURA, Rafaela Karoline Galdêncio de. **Memória institucional na ciência da informação**: análise das produções científicas apresentadas no GT de informação e memória do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/1048050000000000000000>. Acesso em 20 abr. 2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. Proj. História: São Paulo, v. 10. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em 23 nov. 2023.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil | The concept of memory in information science: analysis of theses and dissertations of postgraduate programs in Brazil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2011. DOI: 10.18617/liinc.v7i1.416. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3302>. Acesso em: 21 maio 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992

RABELLO, R. **Informação institucionalizada e materializada como documento**: caminhos e articulações conceituais. Brazilian Journal of Information Science, v. 13, n., 2019. Acesso em 20 abr. 2024.

RIBEIRO, Fernanda. **Memória, informação e ciência da informação**: Relações e interdependências. In: OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg (org.). *Memória: interfaces no campo da informação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional UFBA 2018–2022**. Salvador: UFBA, 2018. Disponível em:
https://proplan.ufba.br/sites/proplan.ufba.br/files/plano-desenvolvimento-institucional-ufba_web_compressed.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional UFBA 2025–2034**. Salvador: UFBA, 2023. Disponível em:
https://proplan.ufba.br/sites/proplan.ufba.br/files/pdi-ufba_2025-2034_versao_conselho_0.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Memorial Arlindo Coelho Fragoso**. Salvador: UFBA, [s.d.]. Disponível em: <https://www.eng.ufba.br/memorial-arlindo-coelho-fragoso-0>. Acesso em 29 mar. 2025.